

**ROSA CORNÉLIO DE JESUS: A SIMBOLOGIA DA MULHER ANCIÃ EM *OS VERDES ABUTRES DA COLINA***

Ana Tamires da Silva Oliveira<sup>i</sup>

**Resumo**

*Os Verdes Abutres da Colina* (1974) é um dos livros mais estudados da obra de José Alcides Pinto. Ele retrata a constituição da aldeia de Alto dos Angicos e de personagens alicerçados dentro de campos simbólicos bem estruturados, trazendo para o texto características das narrativas fantásticas. O narrador mostra a existência de uma polarização do espaço narrativo entre sagrado e profano, os representantes desses polos são os personagens Antônio José Nunes e Rosa Cornélio de Jesus; ambos aparecem como eixos centrais do romance. Algumas análises retratam Antônio José Nunes como o único protagonista do romance, desprezando a existência de Rosa Cornélio como outra grande protagonista. Nesse sentido, este trabalho visa analisar a significação da personagem feminina, investigando as implicações que sua simbologia traz para o romance, pois se compreende que Rosa simboliza um centro ordenador da narrativa, ligado à ideia de sagrado, assumindo o arquétipo da deusa anciã como um símbolo de força capaz de superar as dificuldades que se apresentam sobre a aldeia. Para tanto, nos embasamos nos estudos de Campbell (2008), Eliade (1992), Jung (2000) e outros autores que trataram do tema.

**Palavras-Chave:** rosa cornélio de jesus. Simbologia. Mulher anciã. *Os Verdes Abutres da Colina*

**ROSA CORNÉLIO DE JESUS: THE SYMBOL OF THE OLD WOMAN IN *OS VERDES ABUTRES DA COLINA***

**Abstract**

*Os Verdes Abutres da Colina* is one of the most studied books in the work of José Alcides Pinto. It portrays the constitution of the village of Alto dos Angicos and the characters based in well-structured symbolic fields, bringing to the text characteristics of the fantastic narratives. The narrator shows the existence of a polarization of narrative space between sacred and profane, the representatives of these poles are the characters Antônio José Nunes and Rosa Cornélio de Jesus; both appear as central axes of the novel. Some analyzes portray Antônio José Nunes as the sole protagonist of the novel, despising the existence of Rosa Cornélio as another great protagonist. In this sense, this work aims to analyze the meaning of the female character, investigating the implications that its symbology brings to the novel, because it is understood that Rosa symbolizes a computer center of the narrative, linked to the idea of sacred, assuming the archetype of the elderly goddess as a symbol of strength able to overcome the difficulties that present themselves on the village. For this, we rely on the studies of Campbell (2008), Eliade (1992), Jung (2000) and other authors who dealt with the theme.

**Keywords:** Rosa Cornélio de Jesus. Symbology. Elderly woman. *Os Verdes Abutres da Colina*

**1 – Introdução**

Rosa Cornélio de Jesus é uma das personagens mais expressivas de *Os Verdes Abutres da*

---

<sup>i</sup> Aluna do Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Email: ana\_tamires.o@hotmail.com

*Colina* (1974), embora pouco tenha sido escrito sobre ela dentre os estudos já produzidos sobre este romance de José Alcides Pinto. Muito foi escrito sobre o personagem Antônio José Nunes colocado como o patriarca da aldeia de Alto dos Angicos, espaço onde se passa o romance. As linhas mais significativas já escritas sobre a personagem feminina estão presentes num artigo de Inocência de Melo Filho, intitulado *O Sagrado e o Profano: A mulher na ficção de José Alcides Pinto*, publicado na revista da Academia Cearense de Letras em 1997.

Nesse artigo o autor destina dois parágrafos do seu estudo para tratar da significação que a personagem assume dentro do romance, alguns outros autores também a citam, mas não aprofundam a discussão. As análises já publicadas acerca do romance se voltam mais para os personagens masculinos e contemplam de maneira ampla o personagem Antônio José Nunes e sua importância dentro do texto.

Ao nos debruçarmos sobre a narrativa podemos enxergar Rosa Cornélio de Jesus como uma protagonista, inclusive sua presença demarca um grande campo simbólico na construção do romance. Ao passo que a narrativa se desenvolve podemos notar que a personagem exerce uma ligação com o divino e sagrado, chegando a coadunar características da deusa anciã, Grande Mãe e da sabedoria própria de quem muito viu e viveu na aldeia.

Rosa aparece poucas vezes no romance, podemos contabilizar apenas sete momentos nos quais é colocada em interação com os demais personagens, agindo de forma direta ou sendo determinante para alguma situação. Outras vezes é apenas evocada por Padre Tibúrcio ou pelo narrador.

O aparecimento moderado de Rosa, no texto, pode ser o motivo de ter recebido tão pouca atenção por parte dos estudiosos da literatura alcidiana. No entanto, essa moderação não pode ser confundida com uma possível inexpressividade da personagem, pois o narrador confere um grau elevado de importância a ela, introduzindo-a como a matriarca da aldeia.

## **2 – Os símbolos e o perfume da “Rosa” alcidiana**

O posto de matriarca da aldeia, concedido à Rosa, transfere para dentro da obra toda a simbologia do arquétipo da Deusa, também chamada de A Grande Mãe, presente nas mitologias dos povos primitivos desde o Paleolítico (CAMPBELL, 2015), dominando os cultos e crenças das aldeias de povos de cultura agrária até os primeiros anos da nossa era. A aproximação da simbologia da deusa se faz importante para que entendamos toda a carga simbólica que o princípio feminino tem, quando associado a personagem Rosa de Jesus.

É necessário destacar, portanto, que o uso do termo matriarca não está sendo feito para designar a “autoridade exercida unicamente por uma autoridade feminina”, afinal não há indícios de

que as mulheres tenham sido as únicas governantes de uma comunidade ou cultura. O poder exercido pela Deusa e suas representantes nas comunidades não obedecia a um modelo hierarquizante, onde há uma estrutura piramidal, mas sim uma estrutura esférica que oferecia um lugar democrático de participação.

O termo ‘matriarca’ é usado para se referir às culturas que reverenciaram a Deusa mãe como divindade, ou seja, aos povos que têm uma organização social matrifocal, como os neolíticos de linhagem matrilinear (passada de mãe para as filhas). Nessa organização matrilinear vigorava um sistema social de parceria e participação conjunta (esfera, círculo) sem desprezar, inclusive, a participação masculina.

Nas lendas presentes nessas várias sociedades matriarcais, a mulher aparece como a principal detentora do poder criador, a Deusa é a mãe que dá a luz, cria e nutre. Isso acontece porque “as forças da mulher, no sentido biológico, conferem a ela um poder mágico que faz com que tenha especial capacidade de ativar e de se harmonizar com as forças da natureza.” (CAMPBELL, 2015, p. 53). A força feminina visceralmente identificada com a natureza revela a sacralidade do princípio feminino, mesmo quando está associado a outros aspectos e culturas.

A Grande Mãe sobrevive em diversas culturas até hoje sob aquilo que Carl Jung definiu como arquétipo da Mãe, porque justamente a mesma dinâmica psicológica feminina acaba se repetindo nas sociedades e revelam padrões internos que brotam de uma mesma fonte profunda. Os comportamentos arquetípicos e o percurso da Deusa que traçamos até aqui são indispensáveis para que entendamos os fatos do romance de José Alcides Pinto que envolvem as personagens femininas e em especial a matriarca Rosa Cornélio de Jesus.

No romance, a Deusa ressurgiu mediante a inserção da personagem Rosa na narrativa, vinculada ao cristianismo ela exerce o papel de mediadora de graças e ponte para se retornar a Deus, estabelecendo uma relação intensa com o sagrado. Em meio aos personagens de *Os Verdes Abutres da Colina*, Rosa Cornélio de Jesus assume o “Arquétipo da Mãe”. Dessa forma, ela se torna o símbolo que emana uma imagem positiva para a coletividade daquela aldeia. Por meio de tal personagem acontece aquilo que C. Jung (2000) chama de “a mágica autoridade do feminino” relacionada à sustentação da vida; enquanto essa mágica opera, notamos a existência de uma elevação espiritual aliada a uma força que sustenta e ordena.

Na iconografia cristã a rosa está associada ao Cristo, a sua paixão e morte, no símbolo da Rosa-Cruzes (crucifixo cravejado com rosas). Nesse símbolo, a rosa se encontra no centro da cruz, em outras representações ela aparece na base do crucifixo. E a Rosa personagem aparece no final do romance, reproduzindo tal símbolo. Ela aparece como o próprio suporte de sustentação para a cruz, no momento em que a comunidade é salva da destruição total.

A narração estabelece um eixo de articulação dos acontecimentos ao redor de Rosa, pois é dela que emana a força coordenadora de todo o sentido matriarcal do texto. Isso acontece porque ela “[...] é quem dá as coordenadas de todo o romance, ela é a mais velha de todos, é quem enterra todo mundo, fica sozinha...” (PINTO in PINHEIRO, 2003, p.70).

É importante nos atentarmos para a simbologia criada ao entorno da personagem através dessas três características que o autor aponta: ser a mais velha entre os demais moradores, presenciar a morte de todos e, por fim, acabar sozinha. Em entrevista concedida a Anchieta Pinheiro, José Alcides Pinto fala pela primeira vez sobre a simbologia que sua personagem tem dentro do romance:

Rosa, que é um dos principais personagens, a matriarca do lugar, **acompanhou o nascimento da aldeia**. Ela tem toda a experiência religiosa que Padre Tibúrcio infundiu em seus fiéis, **ela já nasceu portadora de graças**. Justamente ela nasceu como oposto. Os verdes abutres são o mal; e ela é o bem. Os verdes abutres da colina são o profano, ela é o sagrado; **ela é sacramentada desde o nascimento**. (PINTO, 2003, p. 81, grifo nosso).

Nessa entrevista José Alcides Pinto traça alguns pontos-chaves para a interpretação da personagem, mas não esgota todo o arsenal interpretativo que ela gera dentro do texto. Depois que Antônio José Nunes se desvia da esfera do divino, profanando a terra e sua descendência, Rosa aparecerá na narrativa como oposto do personagem masculino, que passa a significar maldição na aldeia. A partir de então, toda a significação do sagrado, na obra, passa a residir na personagem feminina. A morte do coronel coloca Rosa em ascensão como uma representação do sagrado, sua finalidade é aplacar todos os males que os atos do patriarca e seus descendentes acarretaram.

As cenas de abertura e fechamento do romance têm Rosa como centro do espaço onde os acontecimentos se desenvolvem. Na primeira cena, aparece de pé, em frente a sua casa, protagonizando uma pequena batalha para se defender de alguns pirilampos que insistem em subir por suas pernas. De idade bastante avançada, já tem seus sentidos alterados por causa da idade. Na última cena nos deparamos com Rosa, também de pé, sustentando a salvação da aldeia, muito idosa e totalmente lúcida.

É importante registrar que depois da leitura do romance, percebemos que esta cena inicial é na verdade uma atualização dos acontecimentos apocalípticos da aldeia. Na realidade mostra um “depois do fim”, localizada logo no início do romance como se o narrador estivesse querendo unir as duas pontas da narrativa num único fio, de forma que se transforme em um círculo. Por isso afirma que ela acompanhou o surgimento da aldeia, como uma forma de afirmar que já existia “antes do início” e restou até “depois do fim”.

Isso nos faz ponderar que o começo e o fim estão ligados, reforçando a relevância do significado assumido pelo círculo no texto alcidiano. Em *Os Verdes Abutres da Colina*, a imagem

do círculo sempre terá uma correlação com a ideia de tempo e eternidade. A representação do tempo-eterno acontece através da personagem da matriarca, porque significa vida e resistência à morte.

Essas características já podiam ser observadas nos povos primitivos, pois acreditavam que a Deusa nunca fora criada e já estaria presente antes da criação de todo o cosmos, de modo que sua existência se perpetua até depois do fim do mundo (CAMPBELL, 2015). O narrador repete, a todo o momento, que Rosa era a mulher mais velha da aldeia, sua velhice a estabelece no romance como uma pedra fundamental, isso tudo porque nenhum outro personagem tem as suas características: “[...] uma existência espantosa, como Rosa, a Matriarca do lugar, que já contava quase cento e quarenta anos e a quem muita gente julgava fosse imortal como um rochedo.” (PINTO, 2000, p.30).

É importante registrar que Rosa não é a única idosa que resiste no povoado. A velhice é uma característica marcante nos habitantes da aldeia de Alto dos Angicos, todos resistem ao tempo com uma vitalidade estranha, como se observa no seguinte trecho:

[...] embora a velhice, para os habitantes do lugar, não tivesse bem um tempo determinado. Depois de completar um século, as pessoas eram assim tratadas: “Fulano está ficando velho.” Mas as pessoas octogenárias faziam planos de vida assombrosos, como o de ingressar na escola de mestre Manoel Carneiro do Nascimento, iniciar o brocar de um roçado, encomendar ao caixeiro-viajante machados e cepilhos para trabalhar a madeira. Velhos só eram chamados os que passavam de um século, mesmo assim não eram tidos como inválidos, não dependiam de outras pessoas para exercer suas atividades [...] (PINTO, 2000, p. 39-40).

Essa vitalidade é uma herança genética deixada pelo patriarca Antônio José Nunes aos seus descendentes, pois ele também morreu centenário. O que difere da vitalidade desses personagens da resistência de Rosa é: a sua não ligação sanguínea (parentesco, familiaridade) com o personagem masculino. Essa desvinculação isenta Rosa Cornélio de herdar a finitude dos demais, pois, por mais que alcancem uma idade avançada, estão fadados à morte.

No seu *Dicionário de Símbolos*, Chevalier & Gueerbrant (2015) afirmam que o símbolo da “rosa” significa “[...] a taça da vida, a alma, o coração, o amor. Pode-se contemplá-la como uma mandala\* e considerá-la um centro místico. [...] “um símbolo de ressurreição e imortalidade.” (p.788). No decorrer desta análise nos esforçaremos em mostrar as implicações dessas significações da simbologia da rosa, dentro do romance de José Alcides Pinto.

Neste momento chegamos a uma interseção entre o símbolo e a personagem, pois a Rosa personagem, enquanto representação de um centro, círculo da aldeia, está fortemente ligada com a ideia de vida e imortalidade. Na narrativa bíblica também encontra-se uma possível justificativa para a questão da imortalidade, já que a personagem se relaciona com o divino cristão: “Ora, o

mundo passa com a sua concupiscência; mas o que faz a vontade de Deus permanece eternamente.” (BÍBLIA, 2017, 1 João 2: 17). Rosa de Jesus não só faz a vontade do seu Deus como se mantém afastada de tudo o que se relaciona com o mundano.

No romance não há um relato que fixe o aparecimento de Rosa na aldeia. Como vimos, somos levados a acreditar que Rosa já estava presente antes do surgimento de Alto dos Angicos. No início da narrativa é citado que ela “atravessara todo um século [...] o século que viu nascer” (PINTO, 2000, p. 13-14), como uma forma de registrar a peculiaridade à cerca da resistência da matriarca e reforça a questão de que o sagrado feminino está presente desde o início dos tempos.

Na oitava edição de *Os Verdes Abutres da Colina* (2001), revista e ampliada, a primeira oração da citação do trecho anterior foi suprimida e substituída por: “quase dois séculos se passaram” (Idem, 2001, p. 14). A ampliação de um para dois séculos reforça a ideia de que o autor perseguia a construção de uma simbologia temporal ao redor da personagem, ancorado numa ideia de eternidade.

Na escrita de José Alcides Pinto, o eterno é justamente aquilo “que é privado de um limite de duração. [...] A eternidade representa a infinidade do tempo independente de toda contingência limitativa: é a afirmação da existência na negação do tempo.” (CHEVALIER; GUEERBRANT, 2015, p. 409). Rosa está no início e no fim, está presente em todo o tempo.

Há determinados momentos de ausência da personagem no curso dos acontecimentos da narrativa, pois não é o único núcleo da mesma, havendo outros núcleos que se alternam constantemente. Mas nos momentos em que não aparece, o narrador se preocupa em lembrar ao leitor que:

“Rosa, a Matriarca, ainda existia, e **a quem o tempo (ao que parece) não exercia sua ação corrosiva**. Rosa era como se estivesse **estacionada no tempo**, pois ainda conservada a vitalidade de suas expressão e sua lucidez era **a mesma de todos os tempos**.” (PINTO, 2000, p. 98, grifo nosso).

As informações sobre Rosa se repetem muitas vezes durante o romance, sempre relacionadas ao seu estacionamento no tempo, sem se fixar numa temporalidade. Uma de suas maiores características é a permanência, por isso é “a mesma de todos os tempos” e não sofre nenhuma “ação corrosiva”. Analisando por esse prisma, notamos que a personagem habita “fora do tempo”, para Joseph Campbell: “Fora do tempo tudo dura para sempre.” (2015, p. 249). Esse é o trunfo da matriarca: estar desvinculada do extingível.

Toda a essência desta ligação com o divino é evidenciada através do rosário, das ave-marias e de seu total envolvimento com essa prática da oração. Como o narrador afirma no texto, a personagem passava os seus dias “sem perder um só mistério nas contas dos caroços de mulungu”.

Mistérios que podem estar relacionados aos do rosário ou aos que são desenvolvidos na narrativa.

As orações e presença de Rosa impedem que os verdes abutres da colina (considerados uma forma pela qual os demônios se manifestam) destruam a aldeia, sua presença parece enfraquecer as forças malignas que habitam a aldeia, que de tempos em tempos querem destruir a vida da comunidade, isso nos leva a crer que “é ela quem sustenta a absolvição do povoado, um povoado que sucumbiu várias vezes e várias vezes voltou a ser o que era com a fama histórica por causa de Rosa, que é portadora de graças e é por isso que os demônios jamais destruíram o povoado de uma vez. (PINTO in PINHEIRO, 2003, p. 71). Não resta dúvidas que sua presença é de grande importância para a aldeia. Sua existência funciona como um escudo contra as forças do malignas que habitam o local.

As preces da personagem operam de forma tão significativa que em alguns trechos do romance as preces se tornam um verdadeiro alimento para o corpo e a alma da personagem, através de suas rezas consegue sustentação física e espiritual. No evangelho de João encontramos uma explicação para esta saciedade, na qual próprio Jesus afirma: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede.” (BÍBLIA, 2017, João 6, 35). Retornando ao romance, observemos o trecho seguinte:

Rosa Cornélio de Jesus, a Matriarca, que vivia só desde que ficara viúva, há 85 anos passados, estranhou a ausência de pessoas no povoado, mas julgou que talvez fosse devido à vista, que estava muito curta, e aos ouvidos que não escutavam mais nada. **Seus sentidos estavam encascorados pela idade.** Os objetos domésticos se distanciavam muito quando ela os procurava, mesmo que estivessem tão próximos que Rosa esbarrasse neles. **Raramente sentia fome, e procurava suprir essa necessidade rezando.** A memória não colhia mais nada do passado nem guardava lembrança de coisa alguma do presente. **Mas não esquecia de ir à igreja aos domingos, para assistir à missa,** embora encontrasse a porta principal fechada. Deus havia de lhe perdoar os pecados – exclamava Rosa – pois sempre chegava à igreja atrasada para assistir à missa, e voltava rezando para casa (pois só andava rezando), arrastando com enorme dificuldade as pernas trôpegas e dormentes. (PINTO, 2001, p. 108).

A matriarca estranha a ausência dos demais moradores porque todos estão escondidos, trancados em suas casas, assolados pelo medo de serem apanhados pelos demônios que espreitavam o povoado. Rosa não sente medo porque não tem ligação direta com os demônios, pois nunca tivera relação nenhuma força maligna e não possui ligação sanguínea com o coronel Antônio José Nunes.

A personagem não tem contato com as “coisas terrenas”, como percebemos pelo fato dos objetos domésticos se afastarem dela. Percebemos isso também através do desgaste dos sentidos (audição e visão), passando a ideia de que não pode ser penetrada por nada que pertença à atmosfera do profano, não pode ver ou escutar outras coisas que não estejam relacionadas ao divino.

A matriarca conserva sua morada interior intacta, o fato de morar sozinha há 85 anos

demonstra isso; pouco escuta e pouco enxerga do que está além de sua vida de orações e não poderia ser diferente, pois “só andava rezando”. Entendemos, portanto, que não há alimento mais nutritivo possível para a personagem, como bem frisa o narrador: “[...] de fome jamais morreria, pois Rosa se alimentava de orações”. (PINTO, 2000, p. 109), seu rosário é o meio que a conduz para a saciedade.

Por ser a matriarca da aldeia, as graças que recebe são emanadas para beneficiar a vida dos demais moradores, uma vez que a personagem sempre está presente em momentos decisivos para o povoado. Desde as sociedades antigas “as mulheres idosas desfrutavam de privilégios e posições de destaque, detendo o poder sacerdotal e curador e a responsabilidade das decisões nos conselhos da comunidade.” (FAUR, 2016, p. 129). Padre Tibúrcio, como vigário, respeita e compreende que a companhia daquela mulher tão importante, simboliza sabedoria e virtudes derramadas no território de São Francisco do Estreito.

Em muitas culturas antigas e modernas os idosos têm especial importância, eles representam sabedoria e devem participar das decisões da comunidade, por isso é importante que sua bênção lavre qualquer nova decisão na vida comunitária. Nas pequenas comunidades dos interiores espalhados pelo Brasil se tornou tradição pedir bênção aos mais velhos, sejam eles da família ou não: “A dádiva da bênção, em nome de Deus, estabelecia um liame do solidarismo familiar e sagrado. Filho de bênção, o afortunado. Amaldiçoado, sem a bênção dos pais. Voto de felicidade. Respeito. Proteção. Confiança.” (CASCUDO, 2011, p. 41). A presença do ancião é indispensável em momentos importantes nas comunidades desde as sociedades mais primitivas.

Ao passo que o romance se desenvolve notamos que os acontecimentos narrados se encaminham para um fim de requintes trágicos. Padre Tibúrcio se mostra muito preocupado com as investidas dos verdes abutres da colina sobre a aldeia, tais investidas passam a ser constantes depois que os moradores regridem a um comportamento ancestral. O medo e a necessidade de proteção para a aldeia toma conta do espírito do vigário, possibilitando que se recorde de Rosa, ainda viva e lúcida residente no território da aldeia. Partindo ao encontro da personagem, o padre se depara com a seguinte cena:

Rosa dormia tranquila em sua cadeira de balanço. Os cabelos cor de palha, esfiapados, descidos até a cintura, lembravam a idade de sua indiferença por todas as coisas do mundo. O padre nunca pensou que Rosa possuísse cabelos tão compridos e tão devastados pelo tempo. (PINTO, 2001, p. 109)

A matriarca ainda estava viva e de mente sã. A surpresa do Vigário vem de encontro com essa imagem bastante simbólica da velhice representada pelos cabelos da personagem, que dormia ignorando os perigos pelos quais o povoado estava passando. A ausência de qualquer resquício de



medo permite que permaneça tranquila enquanto os outros moradores sintam-se ameaçados.

Neste momento em que o padre contempla a real imagem da anciã, pode constatar o total despreendimento da matriarca acerca do plano comum onde os demais personagens vivem, de fato, sua existência não tem nada de comum. Em seus longos cabelos estão as virtudes e sabedoria ganhadas ao passar dos tempos, a liberdade dos cabelos representam um atributo de pureza e total consagração ao divino. Sobre a soltura dos cabelos femininos Câmara Cascudo (2011) considera que não se trata apenas de uma consagração a Deus, mas de um voto à Maria.

Quanto a ênfase que o narrador faz da cor branca dos cabelos da matriarca podemos notar a constituição, por meio desse símbolo, daquilo que Mircea Eliade (1988) chama de “limiar”, um momento limite da narrativa. O branco simboliza um rito de passagem no qual o ser atravessa por um momento de morte e nascimento, ou seja, renascimento. Neste encontro o Vigário conta à matriarca os perigos que rondam o seu povoado, porque é muito importante que ela tenha ciência de todos os acontecimentos:

Mas a Matriarca foi além: quis saber se os verdes abutres da colina tinham voltado ameaçadores, se o partido dos Marretas estava de pé, se o vereador cumpria com a promessa que fizera ao povo, se a vestal ainda tinha aparecido no povoado, trazendo boas novas para a comunidade, se os peripatos e os eleatas ainda se reuniam na sacristia da igreja e se o cego João da Mata e o mágico feiticeiro Antonio Marreca ainda existiam. (PINTO, 2000, p. 110).

Os questionamentos refletem o desejo de saber se os avanços de outrora ainda vigoravam na aldeia. Mas é importante notarmos que ela não ignora a existência dos verdes abutres, os demônios que sempre ameaçam transformar a aldeia nas cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra. Não obtendo resposta do vigário, continua: ““ Tibúrcio, o que se passa com você, que não deu respostas às minhas perguntas?” E padre Tibúrcio só teve uma frase para a insistência da Matriarca: “Rosa, precisamos rezar muito, para que o povoado de Altos dos Angicos de São Francisco do Estreito não desapareça da face da Terra.”” (PINTO, 2000, p. 110).

No final da narrativa, a ameaça dos abutres é concretizada. Dessa forma, os demônios avançam sob o povoado. Passar pela destruição é o destino de todo descendente do Coronel Antônio José Nunes, mas, Rosa, como a portadora de graças, pode interferir diretamente na concretização das maldições lançadas sobre o povoado. No momento em que os abutres invadem a aldeia, causam incêndios, desastres e mortes. O clima apocalíptico é instaurado na narrativa. Aquele mundo estava chegando ao fim.

No meio do caos instaurado pelos abutres existe uma força benéfica lutando para combater a destruição, vejamos:

O ar ainda estava carregado de fagulhas quando uma figura de mulher emergiu da cinza dos

escombros, como a fênix da lenda. Era Rosa Cornélio de Jesus, a Matriarca, procurando equilíbrio nas pernas trôpegas e dormentes, a cruz de Frei Vidal da penha levantada para o céu em toda a extensão do braço. Talvez já houvesse completado 150 anos ou ultrapassasse essa idade. E logo uma grande paz se fez sobre os escombros. As brisas sopraram frescas e festivas como os ventos de março, no inverno, e o sol reapareceu entre os retalhos transparentes das nuvens, como estrias delgadas, soltas, vagando ao léu do espaço. E de súbito tornaram-se escuras, engrossaram, cresceram sobre o povoado e derramaram-se em gotas grandes e pesadas. (PINTO, 2001, p. 113).

A interseção da personagem é capaz de aplacar o caos, sua missão como patriarca se cumpre, nesse momento, pois é o braço do divino na aldeia. Este trecho é muito importante para o romance, e para nossa análise, por enfatizar um tema que Alcides Pinto persegue em sua literatura: a salvação vem por meio da “figura de mulher”.

Comparada a Fênix a matriarca faz do fogo e das cinzas o sinônimo de renascimento, “a fênix evoca o fogo criador e destruidor, no qual o mundo tem sua origem e ao qual deverá o seu fim [...]” (CHEVALIER; GUEERBRANT, 2015). Comparada a esse pássaro místico, dotado de grande longevidade e capacidade de ressurreição, Rosa resiste ao fogo da destruição e surge intacta e vitoriosa sobre as cinzas; sustentando a remissão da aldeia de alto dos angicos com a força da fé.

Através do fogo trazido pelos verdes abutres da colina a comunidade pode ser purificada, apesar da destruição causada, até o momento em que Rosa interrompe e as chamas se abrandam. O fogo é o símbolo da purificação do lugar, e a chuva representa o reestabelecimento da paz e reordenação do espaço. O fogo destrói e purifica a água lava toda a impureza restante, limpa os resquícios da presença maligna. Se pensarmos no dilúvio notamos que essa chuva representa uma renovação de aliança com aquele local e pessoas. Notamos mais perfeitamente no seguinte trecho:

Não havia mais nada de pé no povoado a não ser a Matriarca, agora banhada pelas graças das chuvas como uma bênção divina. E Rosa, como se nada houvesse acontecido, começou a cantar hinos religiosos, a cruz de Frei Vidal da Penha erguida para o infinito do céu. O chão estava úmido, socado, sem vestígios de pó, como preparado para receber as sementes da lavoura. (PINTO, 2001, p. 114).

A cena é realmente uma preparação da terra para receber uma nova plantação, uma forma de gerar frutos novos. Este é um ritual de preparar a terra, muito usado pelos agricultores familiares, no interior do Ceará. A queimada é necessária porque proporciona limpeza e preparo do solo para o novo plantio; somente no período de inverno esta terra vai poder receber sementes e produzir novas vidas.

Notemos que a menção a atividade agrária e ao fogo afirma na obra uma simbologia que remete Deusa dos povos primitivos de que tratamos no princípio desse texto. É necessário levar em consideração que “essa mitologia primeva centrada na Deusa, o sol, como a terra, é feminino. Ou, segundo outra imagem, a Lua masculina é gerada no Sol: o fogo criador do Sol e o fogo criador do ventre são o mesmo.” (CAMPBELL, 2015, p. 22). Por esse motivo a figura feminina é escolhida

para fazer parte deste campo significativo que envolve essa ideia da terra fértil, do fogo e do sol, todas essas forças juntas se harmonizam.

A salvação da aldeia, antes amaldiçoada, através de uma personagem de simbologia tão complexa nos remete a outro episódio importante da literatura universal, demonstrando os mesmos contornos que no texto alcidiano. A imagem ressurgida de Rosa, como aquela que afugenta os demônios e devolve a paz, nos remete as cenas finais de *Fausto II*. Nela o princípio feminino também implica numa mística sagrada de salvação, tais cenas são os ressurgimentos da Deusa de que fala o mitólogo Joseph Campbell, ainda que se apresentem numa cultura diferente, inspirados por uma crença diferente, mas com raízes nos mesmos princípios.

Na penúltima cena de *Fausto II*: “Inumação”, os anjos e demônios estão decidindo pela alma de Fausto, quando os anjos recebem das mãos sagradas das mulheres Penitentes, como símbolos do amor divino que evidencia a vida espiritual e não a terrena; nesse momento os anjos começam a aspergir as pétalas de rosas, espalhando-as em coro:

Chamas balsâmicas,  
Pétalas flâmicas,  
Benção fluindo,  
O éter imbuindo  
De auras de amor.  
Do alto a voz vera  
Da etérea esfera,  
Na áurea hoste gera  
Brilho e luz onde for! (GOETHE, 2014, p. 617).

Na narrativa alcidiana esta rosa é humana e mulher. Assim, citando Goethe (2014), ao nos transmitir as últimas palavras do segundo Fausto: “O Feminil-Imperecível/ Nos ala a si” (p. 652), na tradução literal: “O Eterno feminino/ Puxa-nos para cima”. Através desse Feminil-Imperecível e eterno, a aldeia de Alto dos Angicos tem a possibilidade de seguir adiante, e seguir num sentido vertical em direção ao sagrado.

É importante destacar que não pretendemos atestar a qualidade da narrativa alcidiana mediante comparação com um dos textos mais cultuados da literatura já produzida. Nosso intuito, no entanto, é reunir e discutir que textos extremamente distintos se mostram semelhantes em muitos aspectos que os constitui e notar que as simbologias dos elementos giram em torno de elementos similares, o divino feminino em cada um dos textos se comporta como ponte, passagem, elo do homem com o seu divino. As Rosas de cada narrativa são repletas de misticismo.

Retornando ao texto alcidiano, notamos que o autor insere na cena final de absolvição da aldeia de Alto dos Angicos um personagem louco: Chico das Chagas Frota trazendo uma partida de galos domésticos, todos brancos “[...] bordados como a túnica da vestal, de asas acetinadas e

brilhantes, cristas cor de sangue, marchando a passos regulares como numa procissão.” (PINTO, 2000, p. 114). O louco traz o anúncio de boas novas, por isso os galos se assemelham à vestal, eles anunciam o surgimento de uma nova era para aquele lugar, antes amaldiçoado pelo espírito de satanás e do coronel Antônio José Nunes.

Os galos anunciam o fim dos tempos em que ainda vigorava os traços fortes da existência do coronel e a chegada de uma nova ordem. Proclamam a extinção de todos os males daquele território e caminham em procissão para um lugar recém-santificado pelas graças divinas: a aldeia de Alto dos Angicos de São Francisco de Estreito.

É interessante observar que em outro momento do texto a vestal aparece como sendo uma mulher, também vestindo branco, como os galos. Na mitologia romana de tradição muito arcaica as vestais que aparecem para anunciar uma boa notícia fazem referência à deusa Vesta, símbolo da lareira central, do fogo que existe em todas as habitações. Ela é:

Protetora do fogo sagrado, sendo ela a personificação do próprio fogo, pertencia ao grupo dos doze grandes deuses. [...] ávida de pureza, assegura a vida nutriente, sem ser ela própria fecundante. Vesta e suas Vestais, como a Héstia dos gregos, talvez traduzam o sacrifício permanente, através do qual uma perpétua inocência serve de elemento substitutivo ou até mesmo de escudo contra as faltas perpétuas dos homens, granjeando-lhes êxito e proteção. (BRANDÃO, 2008, p. 307).

Ao compreendermos os significados das vestais, compreendemos também porque os galos são os animais escolhidos para anunciarem o renascer da comunidade. Eles são, reconhecidamente, os animais que saúdam o sol, além de que o a antiga deusa também era associada ao sol e um de seus animais era o galo, por sua altivez e porte guerreiro, por anunciar o clarão depois das sombras da noite.

É importante que o batalhão de galos seja guiado pelo louco porque também acaba se tornando um instrumento da misericórdia divina, um anunciador por excelência; ele habita fora dos limites da razão, foge das normas daquela antiga sociedade e se liga ao sagrado de alguma forma, pois “[...] por trás da palavra loucura se esconde a palavra transcendência.” (CHEVALIER; GHEERBRANT 2015, p. 560).

Vejamos:

O batalhão parou solenemente à frente de Rosa, obedecendo à voz de comando de Chico das Chagas Frota, como para prestar, à Matriarca do lugar, a sua última homenagem. E de repente todos a um só tempo entraram a cantar, batendo fortemente as asas, num canto uníssono, mavioso, que repercutiu pelas quebradas do serrote do Morro e seu eco se fez ouvir de espaço em espaço nas abas da serra do Mucuripe. O cheiro de terra úmida se levantou mais forte do chão, como se quisesse abrir, para encerrar Chico das Chagas Frota e Rosa Cornélio de Jesus em suas entranhas. (PINTO, 2001, p. 114).

Frente à Matriarca, os galos cantam suas saudações àquela que afugentou as sombras e

trouxe de volta o sol para a aldeia. Este é um momento de reiniciação da terra e do homem, através do afastamento do mal. O canto dos galos anuncia também o destino final da matriarca e do louco.

Os dois personagens restantes são justamente os que não têm abertura para o mundo profano. A mente de ambos passou ilesa pelas mazelas que assolaram a mente dos demais personagens. Chico das Chagas Frota estava preso em sua própria consciência e Rosa voltada apenas para os aspectos da sua fé. A terra quer se abrir para eles sem que estejam mortos, são aceitos como sementes usadas na plantação. Para Joseph Campbell, o ato de voltar para o ventre da terra é a experimentação de um “renascimento simbólico.” (CAMPBELL, 2015, p. 37). O par formado entre o último homem e mulher caracteriza os eleitos.

A alegoria criada por José Alcides tem uma atmosfera de reestruturação do espaço sagrado primordial, remontando à criação onde aparece o primeiro par: Adão e Eva. Momento em que não havia nenhum tipo de corrupção da terra ou do homem. O final, como diz o narrador do romance, sempre deve ser igual ao começo.

Retornemos então para a primeira cena do romance onde a matriarca é apresentada, aquela apresentação inicial é posterior ao final que acabamos de analisar. O narrador reforça a ideia da eternidade da matriarca e a estabelece como um fator de harmonização entre as épocas, o velho e o novo, conciliando os tempos do progresso com a necessidade de religiosidade. José Alcides a constrói eterna porque quer insistir que o sagrado deve permanecer como um fator de ordenação em toda sociedade, por mais avanços que tenha alcançado.

A constituição dessa metáfora fica visível no trecho onde nos atualiza dos fatos “pós apocalipse”: “A aldeia passara por algumas transformações, no percurso daquele século que Rosa viu nascer, porém ela as ignorava.” (PINTO, 2001, p. 14). Mais um século que resistira a velhice não é característica que exclui a matriarca daquela constituição atual da sociedade, mas é exatamente o que a torna cada vez mais necessária.

O narrador prossegue afirmando que apesar dos avanços da comunidade, e de sua idade avançada, a matriarca jamais esquecera o caminho da igreja, ou seja, ela jamais “se desviou” do caminho do bem. A permanência nesse caminho faz com que as graças divinas continuem a beneficiar a antiga aldeia, agora promovida a cidade. E onde existem graças, há também Rosas.

### **Referências Bibliográficas**

- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2017.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego: Tragédia e Comédia*. 6º edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- CAMPBELL, Joseph. *Mito e Transformação*. Trad. Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Deusas: os mistérios do divino feminino*. Trad. Tônia Van Ackerl. São Paulo: Palas Athena, 2015.

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Religião no Povo*. 2º ed. São Paulo: Global, 2011.
- CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números)*. 28º ed. São Paulo: José Olympio. 2015.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. 5º ed. São Paulo: Editora perspectiva, 1998.
- FAUR, Mirella. *O Legado da Deusa – Ritos de passagem para mulheres*. 2º ed. São Paulo: Editora Alfabeto, 2016.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Fausto: uma tragédia – segunda parte*. Trad. Jenny Klabin Segall; apresentação, comentários e notas de Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2011.
- JUNG, Carl Gustav. *Arquétipos do Inconsciente Coletivo*. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- PINHEIRO, Anchieta. Entrevista com José Alcides Pinto, autor de *Os Verdes Abutres da Colina*. In.: *Estudos de Literatura praticada no Nordeste: pontes e mourões*. Fortaleza: Edições Acauã, 2003. Entrevista concedida a Anchieta Pinheiro Pinto.
- PINTO, José Alcides. *Os Verdes Abutres da Colina*. 6 ed. Fortaleza: Edições UFC, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os Verdes Abutres da Colina*. 8º ed. Revista e aumentada. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2001.